



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**RENATA GARCIA, BRUNA GARCIA E GABRIELA GARCIA**

**(Entrevista)**

**2017**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias  
**Número da entrevista:** E-799  
**Entrevistadas:** Renata Garcia, Bruna Garcia e Gabriela Garcia  
**Nascimento:** não informado  
**Local da entrevista:** Balneário Camboriu, SC (Via Skype)  
**Entrevistadora:** Jamile Mezzomo Klanovicz  
**Data da entrevista:** 18/12/2018  
**Transcrição:** Wilian Antiqueira da Luz  
**Copidesque:** Jamile Mezzomo Klanovicz  
**Pesquisa:** Jamile Mezzomo Klanovicz  
**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner  
**Total de gravação:** 42 minutos e 54 segundos  
**Páginas Digitadas:** 12 páginas  
**Observações:**

Entrevista realizada para a produção da dissertação de mestrado de Jamile Mezzomo Klanovicz intitulada *Histórias, memórias e narrativas de mulheres no handebol do Rio Grande do Sul: contextualizando o universo do apito*, apresentada no Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Universidade Federal do Rio Grande do Sul em agosto de 2019.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Início no esporte; Trajetória no handebol; Estrutura do curso de arbitragem; Atuação como árbitras; Presença das mulheres no curso de arbitragem; Presença de público nos campeonatos de handebol em Santa Catarina; Dificuldades no início da carreira; Competições internacionais; Handebol na atualidade; Handebol nos Jogos Olímpicos; Competições marcantes; Preconceitos contra a mulher na arbitragem de handebol.

Balneário Camboriú, 18 de dezembro de 2018. Entrevista com Renata Garcia, Bruna Garcia e Gabriela Garcia a cargo da pesquisadora Jamile Mezzomo Klanovicz para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

J.K. - Bom, então primeiramente eu quero agradecer a vocês três por cederem essa entrevista e eu gostaria que vocês me contassem um pouco da formação de vocês e como que vocês iniciaram uma área do esporte.

R.G. - Então a gente iniciou no esporte, no handebol, na cidade de Camboriú<sup>1</sup>, mesmo e depois passamos a jogar fora. Eu e a Bruna, no caso, fomos jogar em São Paulo, depois voltei para Santa Catarina de novo, joguei em Itajaí<sup>2</sup> e depois a gente finalizou a carreira como atleta. Depois da faculdade, a gente não conseguia se desligar e resolveu fazer um curso de arbitragem, que foi em Itajaí faz uns 6 anos atrás. Foi em 2011. E aí continuamos jogando um pouquinho, batendo uma bolinha ainda. Só que tivemos que ocupar e aí fizemos um curso estadual e passamos a arbitrar dentro do Estado Sim. Aí a gente foi se destacando porque já conhecia a modalidade por conta de ser atleta. Não, por conhecer as regras, porque no comecinho tu acha que sabe muito mais, na verdade, tu não sabe tudo. Mas foi mais fácil ser atleta, não é! Aí em 2013 passamos a fazer o curso para árbitra nacional, sim. Foi em Minas Gerais, em São Sebastião do Paraíso. Lá no curso apitamos a final, o que foi uma surpresa para a gente, por ter bastante preconceito por mulheres estar dentro da arbitragem, sabe? Apesar de ser um campeonato feminino, mas mesmo assim tem bastante preconceito contra isso. A gente conquistou nosso espaço por meio da arbitragem apesar de ser mulher, baixinhas pequenas aí. Em 2016, entramos no quadro da Pan-américa e participamos de um Campeonato Sul-americano em Assunção e de lá a gente vem participando vários Sul-americanos, participando esse ano no início do Panamericano de Buenos Aires. E estamos trabalhando, né? Nossa intenção é chegar na Federação Internacional. Quer falar, Bruna?

B.G. - Não, porque é a mesma história. Quase não muda nada.

---

<sup>1</sup> Balneário Camboriú, município do Estado de Santa Catarina.

<sup>2</sup> Município do Estado de Santa Catarina.

R.G. - Tem outro porém, assim: a arbitragem em handebol é sempre dupla. Eu, Renata, e a Bruna somos dupla desde o início. Desde 2011 quando iniciamos o curso até hoje fizemos tudo. A Gabriela hoje não tem dupla no Estado. Ela apita sozinha, vai para as competições com o árbitro que estiver que estiver disponível lá...

G.G. - Agora quem está falando é a Gabriela. Eu tive uma única dupla feminina, eu fiquei durante um ano e toda a minha carreira foi com o masculino. Isso pela falta de mulheres na arbitragem. No nosso estado todas as mulheres que tem, já tem dupla, que no caso somos nós três e mais duas meninas.

J.K. - Então são só cinco mulheres?

G.G. - Isso, aqui em Santa Catarina sim. Por isso eu geralmente faço dupla com homens. Claro se em uma competição tiver outra montagem, geralmente fico com homens.

J.K. - Vocês sabem me dizer mais ou menos quantos árbitros, entre homens e mulheres, têm no total na Federação<sup>3</sup> de vocês?

R.G. - Atuando, em torno de vinte e dois. Mas nós já tivemos mais de cinquenta.

B.G. - Por conta de dar renovação e cursos para novos árbitros. Saiu ano passado para jovens árbitros, mas estão ingressando ainda. E, assim, as partidas têm delegado, tem árbitros, mas a maioria é delegado, eles atuam como delegado.

J.K. - Em relação às competições que vocês já participaram, como que é a presença do público em Santa Catarina?

B.G. - Na verdade, assim, tem alguns locais em Santa Catarina que o público gosta bastante do handebol. Por exemplo: Itajaí é um local que o handebol é bem visto também. Caçador, algumas cidades do Oeste, mas são bem poucos. Uns três ou quatro lugares que enche, mas o resto é bem vazio.

G.G. - Às vezes tem Campeonato Brasileiro e o público não aparece por conta da cultura mesmo. Por exemplo, a gente mora em Balneário Camboriú, aqui tem coisas para fazer, então fica muito difícil. A gente teve dois Campeonatos Brasileiros aqui e a diferença de público de Itajaí, por exemplo, foi bem grande.

J.K. - E vocês já chegaram a atuar como técnicas em algum clube?

B.G. - Eu sou técnica hoje em Balneário Camboriú. Na verdade, eu sou técnica na categoria de base, do infantil e do cadete e sou auxiliar no juvenil e no adulto. A primeira faz dois anos que estou trabalhando nessa área. [TRECHO INAUDÍVEL]

J.K. - Quando vocês fizeram o curso de arbitragem tinha mais outras mulheres junto com vocês?

R.G. - O nosso curso é regional, foi em Itajaí. Éramos eu, a Bruna, a Gabriela e mais uma menina. No curso em Minas Gerais éramos as únicas mulheres. Teve um curso no Rio Grande do Sul que era eu, a Gabriela e mais quatro meninas.

B.G. - E quando a gente vai para campeonato fora do Brasil como Sul-americano, Pan-Americanos, geralmente tem bastante mulheres.

G.G. - Porque em competição internacional cada país tem três vagas. O Brasil tem três vagas duas são masculinas e uma vaga é feminina.

J.K. - Isso é uma imposição da Federação Internacional<sup>4</sup>?

B.G. - Isso!

J.K. - Como funciona a divulgação do curso de arbitragem em Santa Catarina?

---

<sup>3</sup> Federação Catarinense de Handebol.

<sup>4</sup> Federação Internacional de Handebol.

G.G. - Na verdade, assim, os cursos em Santa Catarina são divulgados através de Facebook, de WhatsApp, texto de faculdade. É assim, e aí o curso vai ser realizado no final de semana, sábado e domingo, dois dias, certo? Verdade o curso é bem básico e às vezes acontece uma prática

J.K. - E como que funciona cada etapa dos cursos, tanto Regional, Nacional e Internacional?

B.G. - O Estadual geralmente é final de semana. Na verdade, assim, para fazer o curso da Regional qualquer um pode fazer, pode ser até acadêmico de universidade? Ele tem que ir no local, vai ter uma prova teórica e uma prova com prática. Para a teórica são questões de um catálogo que existe, um catálogo universal que todos os Estados tem o mesmo e a prática é um teste físico, que é o teste dos vinte metros. Aí para chegar no Nacional, o diretor técnico do Estado, ele encaminha um voto de quem ele quer. Por exemplo: tem o diretor técnico, o diretor de árbitro do Nacional. Ele pede uma dupla de cada Estado. E o diretor de árbitro do seu estado indica uma dupla. Aí, geralmente o curso Nacional é em algum Campeonato Brasileiro. E no Campeonato Brasileiro vai uma. Por exemplo, vai uma dupla fazer curso de Santa Catarina, uma dupla do Rio Grande do Sul, uma dupla do Paraná, uma dupla São Paulo, geralmente quatro duplas. Quatro duplas que todos vão atuar e vão ser avaliadas. E tem teste físico também e tem que passar. E aí tem a prova teórica, tem que alcançar a média 7. E tem a prova prática também que tem que passar com média 7. Depois tem o plano América, aí tem diretor de árbitros da Pan-América que pede indicações de duplas. Daí já é uma dupla do Brasil! Aí é indicado, mas o processo é o mesmo tem de provas... Mas lá no plano América é tudo em inglês. Nacional é português, mas na América e na Federação Internacional é tudo em inglês. Mas é a mesma prova, o mesmo catálogo e o mesmo teste.

J.K. - E vocês saberiam me dizer quem possivelmente foi a primeira mulher a entrar arbitragem no Brasil?

B.G. - Olha a primeira dupla do Brasil que entrou era a Carla<sup>5</sup> e a Silvana<sup>6</sup> de São Paulo. A primeira e a única dupla feminina que chegou na Federação Internacional, até hoje, foram elas.

J.K. - Até hoje? Não tem outra dupla na Federação?

R.G. - No Brasil, a gente com o quadro aberto. Elas foram eles que assumiram e que chegaram lá.

B.G. - É o que a gente quer, mas para chegar lá tem várias etapas. Mas é mais chaves, não assim passar no curso Estadual, Nacional, não é fácil.

G.G. - Tem que agradar os olhos de muitos, não é... E a política também, que é bem diferente. O Brasil é, como vou te falar... Tudo vai do handebol sabe? A realidade do handebol no Brasil hoje não é o mesmo handebol da Europa. Eu acho que a Europa sempre vai estar acima da Pan-América. A gente começou a aparecer um pouco mais assim depois que as meninas foram campeãs no Mundial<sup>7</sup>, em 2013, foi aonde deu abertura para todos, tanto para as equipes do Brasil, quanto para a arbitragem brasileira. [TRECHO INAUDÍVEL] Se tu for ver nas Olimpíadas do Rio de Janeiro<sup>8</sup>, depois que o Brasil foi campeão mundial, As medidas do partido depois que o Brasil foi o campeão mundial, os ingressos mais vendidos das Olimpíadas foi o handebol. Pior, que era a esperança, né? Sim, e aí acabaram fazendo pouco.

J.K. - E hoje, mais ou menos quantas mulheres têm pela Confederação Brasileira<sup>9</sup> na arbitragem.

R.G. - Deixa eu ver. Daqui são.... cinco meninas, mas coloca três duplas. [TRECHO INAUDÍVEL] No total acho que são doze duplas.

---

<sup>5</sup> Carla Righeto.

<sup>6</sup> Silvana Maria Silva.

<sup>7</sup> Campeonato Mundial de Handebol Feminino de 2013, realizado na Sérvia.

<sup>8</sup> Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, realizados em 2016.

<sup>9</sup> Confederação Brasileira de Handebol.



J.K. - Doze duplas de mulheres. Você saberia me dizer quantos tem no geral, entre homens e mulheres?

B.G. - Essa questão a gente não consegue te responder. Mas a gente consegue levantar esse dado porque o diretor de árbitros ele tem certinho o número. A gente consegue bandas mulheres, quantas geral?

J.K. - Se vocês puderem conseguir eu agradeço muito porque eu estou tentando contato com Confederação e ninguém me responde.

B.G. - Então eu vou tentar. Tu precisa saber de quantos total da Confederação, de mulheres e homens? Total geral?

J.K. - Isso é basicamente isso. Assim, não precisa ser exato, mas aproximadamente mais ou menos quantos tem.

R.G. - A gente consegue sim.

J.K. - Muito obrigada. Eu queria perguntar ainda se quando vocês iniciaram a arbitragem vocês sentiram algum tipo de dificuldade?

R.G. - A dificuldade em que exatamente?

J.K. - Dificuldade pelo fato de vocês serem mulheres.

R.G. - Isso a gente sofre até hoje, na verdade, sabe? Mas assim, como eu vou te falar... Se a gente parar para pensar tudo que a gente... Sempre quando a gente pisa na quadra, a gente vê aquele preconceito, principalmente quando são jogos de homens...

G.G. - E alguns técnicos. [TRECHO INAUDÍVEL] Aqui em Santa Catarina mesmo, eles aprenderam a respeitar muito a gente. Temos muitos elogios porque eles dizem que as mulheres são mais educadas, são mais sérias. Leva o trabalho mais a sério, entende?

R.G. - Temos bastante elogios, então hoje em dia já não é o problema... Mas sempre tem aquele cara que não gosta de mulher apitando, que é machista mesmo. Um ou outro, mas no geral a gente não sofre mais tanto preconceito aqui em Santa Catarina. Até mesmo esse ano a gente apitou, eu e a Bruna, um jogo da Liga Nacional entre Blumenau e Concórdia<sup>10</sup>, em Blumenau, e quando entramos na quadra, o auxiliar técnico de Blumenau falou: “Está vendo, por isso que eu não gosto de mulher apitando”. Foi no jogo.... Ele levantou a voz e falou; “Eu não gosto de mulher apitando jogo.” Um ou outro sempre tem, mas não incomoda mais tanto. Já aprendemos a lidar com a situação.

J.K. - E durante os jogos, assim, a gente sabe que sempre em relação aos árbitros tem bastante xingamento, né? Dentro do handebol também tem isso?

R.G. - É... Não é tanto. O público da quadra ou quem pode estar participando, os atletas, técnicos, auxiliares, a gente tem muito respeito entre um e outro, até mesmo porque... De certa forma sempre é relatado na súmula se está xingando ou falando alguma palavra de baixo calão, enfim, qualquer coisa. A torcida é torcida, né? Torcida sempre vai falar: “Vai lavar a louça, lugar de mulher é em casa...” Isso é normal.

B.G. - Até um jogo esse ano na Liga Nacional também esse ano, em Blumenau também, Blumenau quase perdi o [PALAVRA INAUDÍVEL] por racismo do torcedor que era namorado de uma das meninas chamando a menina da outra equipe de palavras feias. Racismo mesmo e foram denunciados e estão respondendo processo por isso.

G.G. - Mas é torcedor, né? Não entende muito da modalidade e a culpa sempre vai ser do árbitro e certamente da equipe que perde, enfim...

J.K. - E vocês acreditam que a arbitragem hoje ela pode ser vista como uma profissão?

B.G. - Olha, em alguns lugares, em alguns Estados especificamente sim. São Paulo e um pouco no Paraná tem muitos árbitros que vivem hoje como uma profissão. Principalmente em São Paulo. Tem muitos árbitros que só fazem isso e se mantêm. Nós aqui em Santa Catarina, não. Não tem nenhum dos nossos árbitros aqui que façam isso. Nenhum.

---

<sup>10</sup> Municípios do Estado de Santa Catarina.

R.G. - Tem poucos jogos em Santa Catarina para viver só disso. Lá em São Paulo tem muitos jogos, muitas equipes, aí eles vivem disso, mas aqui não, não tem número de jogos para isso. E o valor da diária hoje que se paga também no nosso Estado, é muito diferente, muito pouco. É impossível viver da arbitragem, né? É mais porque ele gosta mesmo, pelos benefícios de viver viajando, conhecendo os lugares. Mas financeiramente, não dá para sobreviver, não dá para dizer que é profissão. É um bico!

J.K. - E, por exemplo, quando vocês podem se machucar alguma coisa assim, daí ficam de fora dos jogos. A Federação de vocês, ela dá algum tipo de auxílio?

[RISOS]

B.G. - Não. Nenhum. Na Confederação, a gente não tem nem auxílio para ir para... Por exemplo, para curso ou para concurso nacional, você tem que pagar tudo. E a Federação não te dá esse apoio.

R.G. - A nossa, especificamente. Outras sei que sim, mas a nossa não. E quanto a lesão e coisa, nada.

G.G. - Tu para de apitar, vai tratar do jeito que dá e depois volta, mas não tem fisioterapia, nada disso.

J.K. - E hoje, assim, vendo o handebol como um esporte olímpico, como que vocês vêm a participação do Brasil em grandes competições como as próprias Olimpíadas, os Mundiais, tanto das equipes dos homens como das mulheres?

G.G. - Hoje eu vejo uma evolução bem grande, assim do handebol brasileiro, tanto dos homens como das como mulheres. Eles têm trabalhado pesado, trabalhado firme... Por exemplo, nessa data mesmo está acontecendo o acampamento nacional em São Paulo, em São Bernardo, onde está tendo a categoria infantil, cadete e juvenil. Aonde eles pegam os melhores atletas do Brasil... Não é uma seleção brasileira já. Eles pegam os melhores e concentram lá em São Bernardo, fazem um treinamento específico com a comissão técnica da seleção para ver os nossos talentos, para ver quem tem condições e têm trabalhado

bastante a evolução do Brasil. Tem sido boa, sabe? Porém é... Hoje a Confederação Brasileira se encontra numa situação muito difícil financeiramente, entende? E isso está prejudicando muito o Brasil em jogos. Por exemplo, este ano naquela competição que eu te falei que eu tenho Pan-Americano em Buenos Aires, o Brasil foi campeão lá e valia a vaga para o Mundial, não se era na Bolívia, mas valia a vaga para o Mundial e o Brasil não foi representado porque não teve verba. Tinha a vaga, tinha tudo, mas não conseguiu ir, entende?

G.G. - Então as equipes treinam, treinam, tem concentração e quando tem um evento a gente não pode participar. [TRECHO INAUDÍVEL] O que eu vi, esse ano elas estavam lá na Espanha jogando, elas tiveram um bom desempenho. Elas tiveram uma atuação muito boa, coisa que elas não vinham fazendo assim há um mês atrás. tinham. Agora a grande surpresa para mim foi o masculino, desde as Olimpíadas já. Eles foram muito bem pelo trabalho que eles estão fazendo e mostraram muito mais, até porque é mais forte. Querendo ou não o nível é mais forte...

B.G. - Eu acho, na minha opinião, que o masculino mesmo tem muitas gerações vindo, então não é só essa geração que está jogando bem e que não tem ninguém mais para vir. Tem bastante e foi feito um trabalho bom de categoria de base. de paz. Eles estão saindo de Mundial, estão saindo das Olimpíadas, mas perdendo de um gol, dois gols, então está faltando um pouco para eles chegarem lá. O feminino teve essa geração que foi campeã mundial, que é muito boa, é uma geração muito boa, que está fazendo um bom trabalho, um bom desempenho de jogos. Mas a preocupação é quando essa geração acabar? Eu acho que o trabalho feminino tem uma lacuna muito grande dessa geração para as próximas. Que já não é o que acontece masculino, que tem um trabalho desde as categorias de base. Então eles não chegaram ainda, mas eu acredito que se chegar vai chegar para se manter mais tempo do o feminino. É isso!

G.G. - Que na verdade muitos comentam, que o Brasil foi campeão mundial feminino por conta de que pegou as outras seleções se renovando, que as outras estavam nesse período de renovação, as grandes seleções e o Brasil estava bem no auge e conseguiu. Mas o problema é que o Brasil chegou a ser campeão mundial feminino, teria que nos outros anos tem muito tirar pelo menos entre os quatro... Se eu sou campeão mundial, no outro ano eu

tenho que chegar entre os quatro e não foi o que aconteceu. Caiu e caiu de uma forma... E o masculino não, inspira como o trabalho foi feito da base e vem vindo e quando chegar lá, vai se manter um pouco lá, entende?

J.K. - E como que vocês vêm a presença de mulheres na arbitragem nessas grandes competições?

R.G. - Hoje a gente tem, pela Federação Internacional, nas grandes competições, uma dupla que a gente vê atuar em jogos masculinos. Elas são gêmeas também, são francesas, são as melhores árbitras do mundo. São francesas gêmeas. Elas são as únicas arbitras que até hoje apitaram jogos mundiais masculinos. [TRECHO INAUDÍVEL]

B.G. - elas não aquelas árbitras assim, que são mais uma, elas fazem a diferença. O chefe da Federação Internacional conta com elas, porque elas são *top*, tanto comparando com homens, com mulheres. E tem outras duplas femininas também na Europa que destacam, tem as norueguesas... [TRECHO INAUDÍVEL]

J.K. - Eu queria perguntar para vocês se a Federação Internacional tem algum tipo de visibilidade para buscar novas duplas de mulheres para arbitragem.

R.G. - Sim, esses campeonatos que nós estamos participando agora, eu e a Bruna, que é do quadro de jovens árbitros da Pan-América, e têm jovens árbitros de todos os países. E A Federação busca muito duplas femininas até porque tem um quadro feminino específico. Uma vaga de cada país tem que ser uma dupla feminina. Por exemplo, essas três duplas que existe, essas 3 duplas de cada do país que completam o quadro da Federação Internacional, uma tem que ser feminina, mas se quiserem ser duas femininas e uma masculina pode. Só não pode ser três masculinas. Mas eles estão sempre com árbitras femininas. Eles procuram isso, eles querem isso, mas isso tem que ser trabalhado também, né.

J.K. - E agora eu queria perguntar para vocês, acho que isso é mais individual de cada uma, mas teria algum momento, um jogo ou uma partida, algum evento que vocês participaram e que marcou mais vocês?

G.G. - Eu acho que na verdade, a competição que mais me marcou foi a competição internacional. Mas em relação assim, a dificuldades que eu tive pessoalmente assim, até mesmo com a minha dupla começa pelo seguinte: é que nessa competição internacional eu não era dupla da pessoa... Eu era dupla dela e a gente ficou sabendo uma semana antes e a adaptação foi bem complicada. E o nível não era baixo... Me marcou de forma assim positiva.

B.B. - Para mim a competição que mais me marcou na minha carreira foi o Pan-Americano em Buenos Aires pelo nível da competição, pelos países que estavam lá. É uma competição onde é muita pressão, é muita pressão mesmo. Então foi uma competição... Era a primeira competição que a gente estava sendo avaliada e marcou bastante pelo fato de ser uma competição de vários países, que vale vaga para o Mundial. Então é a competição que mais me marcou.

R.G. - Eu tinha do Pan-Americano, outras também aqui mesmo do nosso Estado, mas uma competição que marcou para mim foi esse ano, um jogo internacional entre Concórdia e Blumenau. [TRECHO INAUDÍVEL]

J.K. - Tem algum objeto que simbolize para vocês, tanto a trajetória de vocês dentro do handebol ou da própria arbitragem?

B.G. - Nós temos esse objeto aqui, essa bola aqui.<sup>11</sup> É a bola da final do Pan-Americano que a gente apitou em Buenos Aires e a gente ganhou de presente. O dono do evento do Pan-Americano foi o hotel e deixou de presente para nós.

J.K. - Esse é o objeto das três?

R.G. - Não, esse objeto é meu e da Bruna.

G.G. - Eu tenho algumas coisas.

R.G. - A Gabriela ganhou os banners, até mesmo do Rio Grande do Sul.

G.G. - Esse aqui foi do [PALAVRA INAUDÍVEL] uruguaio. Eu apitei a final do jogo e vieram me entregar jogo. E esse aqui foi.... Do curso nacional [TRECHO INAUDÍVEL]

J.K. - Bom, GURIAS, o que eu tinha para perguntar para vocês é basicamente isso. Vocês teriam mais alguma coisa que gostariam de compartilhar que eu talvez não perguntei para vocês?

R.G. - Fica difícil, não é... Eu acho que depois que tu escrever e mandar fica mais fácil...

B.G. - Eu não tenho nada, é basicamente isso

J.K. - Gurias, eu agradeço muito vocês por terem cedido esse tempo para a gente fazer essa entrevista. É muito importante conhecer um pouco da trajetória de vocês também. Isso me ajuda muito também no meu trabalho e também para visibilizar a história das mulheres no esporte.

[FINAL DA ENTREVISTA]

---

<sup>11</sup> A entrevistada exhibe a bola.